



Noite de Reis

Elena Fortún

Acordei assustada e ouvi um ruído, como se um gato estivesse a arranhar a madeira da varanda. Os Reis Magos!

A lua entrava pelas frinchas da janela e o frio também...

De bom grado me teria levantado para ver o que estava a acontecer mas...tinha tanto medo! Tapei a cabeça e comecei a rezar.

Meu querido Menino Jesus,

Tu és pequenino como eu...

De repente ouviu-se um pum!, pum!, pum!, um ruído terrível de coisas a caírem na varanda... e dou comigo em camisa de noite diante de um senhor negro com uma coroa na cabeça, sentado na grade da varanda

— Deus te salve, Celia! — Diz-me.

— Que Deus te salve a ti também, Rei Negro, porque se não, ainda caís à rua.

— Eu não posso cair porque não tenho peso.

— Que bem! Então podes voar.

— Com certeza! Ora vê.

E apanhando as pontas da capa branca que trazia vestida foi-se, voando por cima da rua.

— Ei! Ei! Ei! Rei Negro! Não te vás embora!

— Já cá estou! Que queres, Celia?

— Que não te vás embora sem me deixares os brinquedos que te pedi na carta que te mandei.

— Não os vê?

Que tonta! A varanda estava cheia de caixas e eu ainda não tinha dado conta.

— Trouxeste-me a cozinha?

— Sim. Duas cozinhas.

— E o borrego?

— Um borrego e uma cabra.

— E o urso de peluche?

— Também.

— E a louça de brincar?

— A louça, e um relógio, e livros, e quebra-cabeças, e uma raquete...

— Ah! Que bom que tu és! E agora que reparo melhor... fazes-me lembrar o empregado da Tia Julita.

— Claro! É meu irmão!

— Boa! Se eu soubesse disso antes, tinha-lhe dado a carta a ele para que ta entregasse e assim tinhas-me trazido mais coisas...

— Parecem-te poucas as que te trouxe?

— Não! Não! Não são poucas! Mas ter-te-ia dito para não te esqueceres da Solita, a filha do porteiro.

— Nunca me esqueço.

— Olha que no ano passado não lhe trouxeste nada.

— Trouxe sim, mas tu ficaste com tudo para ti...

— Céus! Que mentiroso!

— Menina! É assim que se fala com um Santo?

— Ai, Rei Negro! Perdoa-me, mas não sei como dizer-te que não estás a dizer a verdade...

— Sim, estou a dizer-te a verdade. Não achas que tudo o que te trouxe por ordem de Deus é demasiado para ti?

— Não sei...

— Só deixo brinquedos nas varandas das crianças ricas mas isso é para que os repartam com as crianças pobres. Se tivesse de ir às casas de todas as crianças a noite não chegava para tudo...

— Sim, compreendo. Então devo repartir com a Solita o que me trouxeste?

— Assim é. Eu não posso ficar mais tempo. Está a começar a amanhecer e eu ainda tenho muito que fazer.

Não sei para onde é que ele foi nem tão pouco quando é que eu voltei para a cama, pois adormeci profundamente e só acordei quando a luz do dia entrou no meu quarto

Voltei a levantar-me (então é que estava frio), embrulhei-me na colcha e fui até à varanda.

— Solita, Solita! — Gritei, porque a Solita já estava a varrer a entrada do prédio — Olha o que nos trouxeram os Reis Magos!



Desatei as fitas de todos os embrulhos e, com elas, fiz uma corda que chegava até à rua.

— Espera um pouco, vou descer-te uma cabrinha — e mandei-a bem atada à ponta da corda...

— E agora uns livros... — que caíram, mas chegaram todos ao chão.

— E uma caixa com uma cozinha.

A Solita dançava de alegria!

Atrás de mim ouvi a voz do papá:

— Mas, filha! O que estás tu a fazer?

— Estou a repartir os brinquedos.

— Volta para dentro criatura pois está um frio pavoroso! Será um milagre se não apanhares uma pneumonia! Já para a cama!

Que ralhetes dava!

— Mas papá, foi o Rei Negro que me mandou dar à Solita os brinquedos pois são também para ela.

— Veremos o que a tua mãe tem a dizer sobre isto. Agasalha-te bem!

— Olha papá, o Rei Negro explicou-me tudo...

— Não digas mais asneiras! Tudo isso foi sonhado ou então leste-o nalgum lado.

— Mas não, papá! Não foi nada disso. Olha, vou explicar-te...

— Não me digas mais nada! O que é que deste à Solita?

— Uma cabra...

— Valha-me Deus! Um brinquedo caríssimo!... Vens para dentro para o calor?

— Sim, sim, mas já não tenho frio... Verás, papá, vou contar-te tudo...

— Não te queres calar, por favor? As meninas não mentem nem pensam que é verdade o que sonham...

Foi então que apareceu a Joana a fazer um pé-de-vento.

— Senhor, está aqui o Pedro, o porteiro, com uns brinquedos que diz que...

— Bom, bom — interrompeu o papá — diga-lhe, por favor, que são para a filha, que lhos dei...

— Ah, papá, que bom que tu és! Eu já sabia!

— O que tu não sabes é o banzé que a tua mãe vai armar quando souber disto.

E já se ouviam os passos da mamã...

